

**A MODALIZAÇÃO EPISTÊMICA E DEÔNTICA EM ENTREVISTA:
UM EXERCÍCIO EM ANÁLISE****THE EPISTEMIC MODALITY AND DEONTIC IN INTERVIEW:
A YEAR IN REVIEW**Daiane Karla Correia JODAR¹

Resumo: Este trabalho tem como objetivo analisar a presença das modalidades epistêmica e deôntica – e verificar qual é a predominante – por meio do emprego de algumas manifestações modalizadoras presentes na entrevista de Maria das Graças Foster ao programa *Fantástico*, pertencente à Rede Globo de Televisão. A pesquisa baseia-se na teoria funcionalista da linguagem, a qual crê que a língua possui, em sua Gramática, mecanismos que permitem ao falante indicar conhecimento, opinião e orientação argumentativa dos enunciados inseridos na própria língua. É a esses mecanismos que se costuma denominar marcas linguísticas de enunciação ou da argumentação e, outras vezes, tais elementos são denominados modalizadores, já que têm a função de determinar o modo como aquilo que se diz é dito. Pretende-se, por meio do *corpus* de análise (entrevista de Graça Foster, ex-presidente da PETROBRÁS), apontar quais são as expressões modalizadoras utilizadas no discurso da entrevistada e quais efeitos são produzidos a partir disso.

Palavras-chave: Funcionalismo; Modalidade; Expressões modalizadoras.

Abstract: This work has the aim to analyse the presence of the epistemic and deontic modality – and verify which one is the predominant – through the use of some modal manifestations presented in Maria das Graças Foster interview to the *Fantástico*, program that belongs to the *Rede Globo TV* channel. The research is based in the functionalistic theory of the language, which believes that the language owns, in its grammar, mechanisms that allow the speaker to show knowledge, opinion and argumentative orientation in the statements in the language itself. These mechanisms are what is used called linguistics statements or argumentation marks and these elements sometimes are called modalizers, as they have the function to determine the way of what is said is said. Through the analysis *corpus* (Graça Foster, ex-president of PETROBRÁS interview), is intended to point which are the modal expressions used in the interviewed speech and which effects are produced from that.

Key words: Functionalism; Modality; modalizers expressions.

Introdução

Quando há interação pela linguagem, o usuário da língua utiliza recursos linguísticos para colocar em prática seus objetivos em uma determinada situação comunicativa. É notório o aumento de pesquisas sobre as funções discursivas dos elementos gramaticais. Aumentando juntamente à Linguística Textual e à Análise do

¹ Doutoranda pelo programa Pós-Graduação em Letras (PLE- UEM) Universidade Estadual de Maringá UEM – CEP: 87.020.900 – Maringá – Brasil. daianejodar@hotmail.com

Discurso, as pesquisas sobre modalização correspondem a esse tipo de estudo, na medida em que tentam mostrar como o que, tradicionalmente, seria considerada uma classe gramatical (verbo) pode ter função discursiva, incidindo seu significado sobre toda uma sentença.

Toda língua possui, em sua Gramática, mecanismos que permitem indicar a orientação argumentativa dos enunciados: argumentatividade está inscrita na própria língua. É a esses mecanismos que se costuma denominar marcas linguísticas de enunciação ou da argumentação. Outras vezes, tais elementos são denominados modalizadores, já que têm a função de determinar o modo como aquilo que se diz é dito (KOCH, 2001).

Por ser prática linguística em interação, todo o enunciado apresenta um determinado grau de modalização. A modalização consiste essencialmente em uma modificação introduzida pelo locutor ao nível da predicação, como resultado das condições postas à sua realização e da relação entre os elementos envolvidos na produção (MATEUS, 1983).

Com base na teoria funcionalista da linguagem, este artigo tem por objetivo verificar a presença das modalidades epistêmica e deontica (e qual é a predominante) por meio do emprego de algumas manifestações modalizadoras presentes na entrevista de Maria das Graças Foster² ao programa Fantástico, exibido pela Rede Globo de Televisão.

1. Fundamentação teórica

As manifestações modalizadoras são fenômenos linguísticos que expressam as intenções e pontos de vista do enunciador. É por meio das modalidades que o enunciador inscreve no enunciado seus julgamentos, opiniões sobre o conteúdo que diz ou escreve. É um recurso que fornece ao interlocutor dicas e instruções de reconhecimento do efeito de sentido que se pretende produzir.

A modalização é o modo pelo qual o significado de uma frase é qualificado de forma a refletir o julgamento do falante sobre a probabilidade de ser verdadeira a proposição por ela expressa. Apelando, explicitamente, para uma conjunção de abordagens (filosófica, linguística, pragmática, enunciativa e psicológica).

² Ex-Presidente da PETROBRAS. Na data em que a entrevista foi realizada, Graça Foster era presidente da PETROBRAS.

Dito de uma maneira bem simples, a modalização é “a relação que se estabelece entre sujeito da enunciação e seu enunciado” (MAINGUENAU, 1990, p. 8).

A modalidade assume a função de direcionar para o interlocutor o ponto de vista do locutor. Este pode, por exemplo, marcar seu discurso como incontestável ou duvidoso, depende da expressão modalizadora utilizada e do nível da camada do enunciado em que a expressão está.

Em uma investigação de base funcionalista, as modalizações epistêmicas e deôntica podem atuar nas diferentes camadas de constituição da frase (HENGEVELD, 1989). Na análise funcional, as expressões são analisadas também dentro da predicação, há uma relação entre um predicado e seu sujeito. Para Neves, a predicação tem importante função:

O predicado, que designa propriedades ou relações, se aplica a um certo número de termos que se referem a entidades, produzindo uma predicação que designa um estado de coisas, ou seja, uma codificação lingüística (e possivelmente cognitiva) que o falante faz da situação. (NEVES, 1998, p.70)

A predicação se constitui em conteúdo proposicional. Esse conteúdo é o fato, que pode ser expresso ou ser pensado pelo falante de várias maneiras, incluindo admiração, dúvida, certeza, etc.

A investigação da expressão da modalidade sob um enfoque funcionalista considera que somente uma representação da estrutura da frase por meio de camadas permitiria um tratamento adequado a essa categoria (HENGEVELD, 1989).

A análise do posicionamento do sujeito enunciador frente ao dito ou ao modo de sua enunciação permite estabelecer graduações diferentes de seu engajamento ou de seu afastamento em relação ao que afirma. Por sua vez, as formas de verificar o compromisso assumido pelo falante diante de uma enunciação permitem situar o papel da subjetividade e da objetividade na construção do discurso.

As marcas de subjetividade estão registradas em certos elementos linguísticos que traduzem um maior ou menor comprometimento do enunciador, em relação ao conteúdo do que enuncia. Para melhor compreensão, o próximo item trará a explicação da modalidade epistêmica, suas características e função. Na sequência deste, serão apresentadas as características da modalidade deôntica.

1.1 A modalidade epistêmica

De acordo com Neves (2006) a modalidade epistêmica tem como característica o modo como o enunciador se expressa em relação ao conteúdo da frase, do texto, e também ao grau de verdade existente nela, ou em relação a quem o enunciado se designa. Essa modalidade localiza-se na linha do conhecimento do falante e, expressa o grau de certeza em relação àquilo que é falado. Esse conhecimento pode se modificar desde uma proposição que é absolutamente certa até uma que seria quase impossível.

A modalidade epistêmica refere-se ao eixo do saber (certeza/ probabilidade): Crer – “eu acho”, “é possível”; “Provavelmente virei”; Saber – “eu sei”, “é certo, virei sem falta”.

De acordo com Neves (2006), as expressões a seguir mostram algumas dentre muitas possibilidades que a língua oferece para caracterizar os graus do possível no eixo do conhecimento: absolutamente possível>indiscutivelmente possível>bem possível>seria possível>pouco possível>muito pouco possível> é quase impossível> seria quase impossível.

A autora ainda classifica modalidade epistêmica como subjetiva e objetiva. Subjetiva quando falante se expressa em relação ao teor da proposição. Com relação a objetividade, o falante baseia sua avaliação no noção de circunstâncias possíveis e se isenta de responsabilidade, pois não há marcas linguísticas que mostrem sua relação pessoal com o que é falado.

No extremo da certeza há um enunciador que avalia como verdadeiro o conteúdo de seu enunciado, apresentando-o como uma asseveração (afirmação ou negação), sem espaço para dúvida e sem relativização. Por outro lado, muitos enunciados oferecem um discurso com marcas do possível e, no entanto, contêm elementos gramaticais que, em princípio, confirmam certeza ao enunciado. (NEVES, 1996, p. 179)

Conforme Neves (*apud* Alves 2010), o grau de certeza expresso no enunciado consente locutor dar confiabilidade ao seu discurso, sem deixar brecha para dúvida em relação ao seu conhecimento àquilo que é dito. E complementa:

Até mesmo em situações em que o falante produz um enunciado com elementos que evidenciam o grau de não-certeza ou desconhecimento do assunto, chamados por Neves (1996) de “elementos de relativização”, ele faz uso de elementos de asseveração (expressam certeza) ao lado desses elementos de não-certeza (relativização), fazendo ressalvas e não perdendo a credibilidade. Mesmo quando esse discurso é feito em primeira pessoa, o locutor pode se isentar da certeza do conhecimento, exprimindo sua não-certeza em relação àquilo que é dito, sem perder sua credibilidade. Algumas das expressões que exprimem essa não-certeza são: “eu acho”, “eu acredito”, “eu penso”, “na minha opinião”, “eu tenho a impressão” etc. O falante pode, ainda, dar credibilidade ao seu discurso, atribuindo as afirmações a terceiros, usando expressões como: “diz-se”, “dizem”, “disseram”, “afirma”, entre outras.

Em suma, para identificar a modalidade epistêmica faz-se necessário qualificar os enunciados atribuindo-lhes características de certeza, influenciando o grau de comprometimento do falante ou do texto.

Para dar continuidade ao trabalho, o próximo item abordará de modo sucinto as características da modalidade deontica, fator indispensável para a realização da análise aqui proposta.

1.2 A modalidade deontica

Almeida (1988) classifica a modalização deontica em dois tipos: a obrigação moral, interna, ditada pela consciência, e a obrigação material, externa, ditada por imposição de circunstâncias externas.

A autora postula que “a obrigação pode expressar-se com auxílio de diferentes verbos modais o que está implicado no fato de que esses verbos tendem a apresentar significados que se interseccionam” (NEVES, 1996).

Diferentemente da epistêmica, a modalidade deontica não opera no nível da sentença. Como afirma Neves (1996), “ela não está relacionada a uma avaliação do falante, mas a ação do próprio falante ou de outros”. A autora ainda complementa que a modalidade deontica pode ocorrer, em um enunciado, ao lado de termos da modalidade epistêmica. Segundo Neves (1996), “quando a modalidade deontica ocorre com a epistêmica, elas não têm o mesmo âmbito de incidência, a expressão da modalidade epistêmica pode afetar a expressão modal deontica, enquanto a relação inversa é impossível”.

1.3 Algumas manifestações das modalidades

Dentre muitas manifestações das modalidades, neste trabalho serão analisadas as destacadas por Tolonen (1992 *apud* NEVES, 2006), as modalidades que podem ser expressas: por um verbo (auxiliar) modal; verbo de significação plena, indicador de opinião, crença ou saber; por um advérbio, que ainda pode associar-se a um verbo modal; por um adjetivo em posição predicativa; por um substantivo; pelas próprias categorias gramaticais (tempo/aspecto/mo) do verbo de predicação.

Por meio da modalização, é possível perceber qual é a atitude do locutor na defesa do que pretende. Desse modo, é possível perceber se ele crê no que diz, se atenua ou impõe algo quando diz. Neves (2006, p. 152) acrescenta que “não se pode conceber que o falante deixe de marcar de algum modo seu enunciado”. E mais: afirma que a interpretação semântica de um enunciado deve corresponder à compreensão de uma atitude modal.

O próximo item trará explicação do *corpus*, item indispensável para a análise e desenvolvimento do trabalho proposto.

2. Texto analisado

Este trabalho tem como *corpus* selecionado a entrevista de Graça Foster, na época, presidente da Petrobras, cedida ao programa Fantástico da Rede Globo de Televisão, realizada no dia 22 de dezembro de 2014.

A justificativa para a escolha do *corpus* deu-se pelo fato da PETROBRAS ser a maior empresa do Brasil e uma das maiores da América Latina, e também pela importante contribuição de Graça Foster para esclarecimentos acerca dos comentários referentes à corrupção. A escolha do tema modalização deu-se pela fundamentação de estudos funcionalistas de que a língua possui em sua Gramática, mecanismos que permitem indicar a orientação argumentativa dos enunciados, ou seja, a argumentatividade está inscrita na própria língua. É a esses mecanismos que se costuma denominar marcas linguísticas de enunciação ou da argumentação e, outras vezes, tais elementos são denominados modalizadores.

Nessa entrevista, foram analisadas as manifestações de expressões de modalidades epistêmica e deontica por meio de verbos, advérbios, etc. A análise aqui proposta procura lançar luzes acerca de uma tentativa de verificar os modos e graus de modalização que se manifestam por meio de marcas linguísticas que apontam dúvidas e certezas do locutor em relação ao seu enunciado.

3. Análise dos dados

Devido ao texto tratar de assuntos políticos e polêmicos, utilizou de vários elementos modalizadores.

Nesse sentido, a entrevistada, ao relatar as informações pelo texto, sabe bem o que está dizendo. No entanto, tendo em vista o compromisso com alguns veículos da mídia, acredita-se que o texto utiliza do recurso da modalização que é considerado estratégico no convencimento do interlocutor.

Nos exemplos a seguir, é possível identificar alguns tipos de modalização:

a) Por um verbo:

Ex 1: (...) Eu **tenho certeza** de que ela vai ajudar muito ao Ministério Público Federal, vai ajudar muito a tudo que a gente espera de (...)

No exemplo 1, observa-se a presença de modalização epistêmica por meio do substantivo “certeza”. Nota-se um grau de crença acerca do que o falante diz.

b) Por auxiliar modal:

Ex 2: (...) O que a Venina diz, e eu espero muito que ela tenha todos estes documentos e **deve ter**, porque ela é bastante organizada, todos estes documentos. Nesse exemplo, o verbo dever tem o significado epistêmico de simples possibilidade.(...)

No exemplo 2, nota-se, por através do auxiliar modal “deve”, “possibilidade de ter os documentos” e não a obrigatoriedade. Nesse caso, encontra-se a presença da modalidade epistêmica, não há um caráter de certeza em sua fala.

Ex 3: (...) De que os projetos **precisam ser** conduzidos de forma diferenciada, monitorados, gerenciados, coordenados de forma diferenciada e isso já era dezenas de trabalhos de grupo, na busca desses processos(...)

Já neste caso, o verbo funciona como auxiliar modal e expressa obrigatoriedade o que indica a noção de necessidade e não de possibilidade. No exemplo 3, encontra-se manifestação da modalidade deontica.

c) Por um advérbio:

Ex 4: (...) **Talvez** tivesse sido necessário mais prudência, tivesse sido necessário um envolvimento de mais tempo na discussão daqueles tópicos que ela estava tratando(...)

No exemplo 4, o advérbio “talvez”, associado ao auxiliar modal “tivesse”, expressa uma possibilidade e não obrigatoriedade ou permissão. Nesse caso, encontra-se a modalidade epistêmica. Diante disso, pode-se perceber que a modalização epistêmica pode se constituir em meio eficiente para o locutor se isentar da responsabilidade de determinada afirmação.

d) Pelas categorias gramaticais (tempo/ aspecto/modo) do verbo da predicação:

Ex 5: (...) Ela **poderia** ter feito, mas ela não fez. Não fez denúncia para a diretoria, ela não fez(...)

Ex 6: (...) Aí **voltaria** como diretora-presidente ou diretora-geral, era o cargo máximo, número 1 lá de Cingapura (...)

Os exemplos 5 e 6 expressam um baixo grau de adesão do falante com o conteúdo expresso. O uso de verbos no futuro do pretérito do modo indicativo indica hipótese ou notícia não confirmada, modalização epistêmica, portanto.

e) O falante pode, ainda, dar credibilidade ao seu discurso, atribuindo as afirmações a terceiros, nesse caso, isenta-se da responsabilidade, e há presença da modalidade epistêmica: (exemplos 08 e 09)

Ex 08: (...) Os e-mails que eu recebi **da Venina** foram e-mails de feliz aniversário, e-mail relativo quando eu tomei posse na Petrobras. Um primeiro e-mail, que foi o primeiro que **ela cita**, que fala de abril de 2009, simples compreensão e este quarto e-mail, de outubro de 2011(...)

Ex 09: (...) Eu não sei, ela está com cinco anos, **segundo ela**, de documentos nas mãos e que ela preferiu, ela deu depoimento na CIA da Rnest(...)

f) Enunciado modalizador:

Ex 10: (...) **Não é que eu não tenha dado crédito** à Venina, a Venina falou de assuntos que eram da nossa agenda do dia a dia(...)

Ex 11: (...) Ele é um e-mail longo, bastante emocionado, cheio de preocupações dela e em quatro linhas ela faz alguns comentários, que **me pareceram** assim bastante cifrados, quando ela fala em ‘licitações ineficientes’(...)

Observa-se nos exemplos 10 e 11 a manifestação de um enunciador que se expressa em primeira pessoa, registrando sua opinião sobre as investigações relativas a e-mail enviado por Venina, essa opinião é acompanhada da não-certeza inerente ao próprio verbo que situa a fala no campo do possível. A entrevistada, por meio desse verbo, revela suas dúvidas diante do fato enunciado, de modo que não se sente segura para afirmar com certeza. Dessa forma, é possível classificar a modalização como epistêmica.

Considerações finais

Este trabalho buscou, por meio da análise de uma entrevista, verificar a presença e a importância de expressões modalizadoras. Essas marcas linguísticas demonstram os graus de comprometimento do enunciador em relação ao dito e contribuem para a construção do sentido do texto em situações reais de uso, criando o locutor um universo de referência que serão compartilhados.

A análise realizada apontou o quanto a língua dispõe de recursos linguísticos para materialização das intenções do falante, que, na tentativa de direcionar o modo

como o seu enunciado será percebido pelo seu interlocutor, seleciona os modalizadores que contribuirão para explicitar ou camuflar seu comprometimento diante do conhecimento de determinados fatos enunciados.

Na entrevista analisada, foram apontados dez exemplos de manifestações modalizadoras, das quais apenas uma foi classificada como modalidade deontica. Como já foi mencionado na fundamentação teórica deste trabalho, a modalização deontica tem com característica expressões de locutor que procura agir sobre o seu interlocutor impondo, proibindo, autorizando a realização da situação representada pelo conteúdo.

Notou-se nos fragmentos retirados da entrevista um baixo grau de adesão e comprometimento do falante com o conteúdo expresso. Vale a pena ressaltar que as escolhas de ênfase sobre a veracidade do enunciado envolvem elementos práticos que dependem dos efeitos de sentido que se pretende alcançar por meio da linguagem utilizada.

Referências

- ALMEIDA, João de. **A categoria modalidade**. Ponta Grossa: Uniletras, 1988.
- ALVES, ROSANGELA, J. **Uma análise funcionalista da modalidade epistêmica e da evidencialidade em discursos políticos**. Dissertação (mestrado). Programa de Pós-Graduação em Letras. Universidade Estadual de Maringá. Disponível em: <<http://www.ple.uem.br/defesas/pdf/rjalves.pdf>>. Acesso em: fev/2015.
- BRONCKART, Jean-Paul. **Atividade de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sócio-discursivo**. São Paulo: EDUC, 1999.
- CUNHA, M. A. F; OLIVEIRA, M. R; MARTELOTTA, M. E. **Linguística funcional teoria e prática**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- FOSTER, Graça. **Entrevista com exclusividade**. Disponível em: <<http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2014/12/jn-entrevista-graca-foster-com-exclusividade.html>>. Acesso em: 15 Jan/2015.
- HENGEVELD, Kees. **Layers and operators in Functional Grammar**. J. Linguistics, 1989.
- KOCH, I. V. **A Inter-ação pela Linguagem**. São Paulo: Contexto, 2001.
- MAINGUENEAU, D. **Éléments de linguistique pour texte littéraire**. Paris: Bordas, 1990.

MATEUS, Maria Helena Mira; BRITO, Ana Maria; DUARTE, Inês Silva; FARIA, Isabel Hub. **Gramática da língua portuguesa**. Coimbra: Almedina, 1983.

NEVES, M. H. M. **Funcionalismo e descrição do português**. Veredas: Revista de Estudos Linguísticos, Juiz de Fora, 1998.

NEVES, M. H. M. **A gramática funcional**. 1ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

_____. **Texto e Gramática**. São Paulo, Contexto, 2006.

NEVES, M. H. M. *In*: KOCH, I. G. V. (Org.). **Gramática do Português Falado IV – Desenvolvimentos**. Campinas, Ed. Unicamp, 1996.

ANEXO

Paulo Renato Soares - Quando a senhora diz que recebeu os e-mails de Venina, a [senhora diz que não entendeu. A Venina disse que um gestor, quando não entende, procura saber, procura entender se viu algo errado neles. O que a senhora tem a dizer a respeito disso?

Graça Foster, presidente da Petrobras - Os e-mails que eu recebi da Venina foram e-mails de feliz aniversário, e-mail relativo quando eu tomei posse na Petrobras. Um primeiro e-mail, que foi o primeiro que ela cita, que fala de abril de 2009, simples compreensão e este quarto e-mail, de outubro de 2011. Ele é um e-mail longo, bastante emocionado, cheio de preocupações dela e em quatro linhas ela faz alguns comentários, que me pareceram assim bastante cifrados, quando ela fala em 'licitações ineficientes'. Ontem, ela explicou o que é o projeto esquadrejados e tal. Em nenhum momento, nenhum momento, ela fala em corrupção, fraude, conluio, cartel. São palavras muito simples de serem entendidas.

Paulo Renato Soares - A senhora não se preocupou, mesmo que mal entendidas, aquelas palavras, ou mesmo usuais, como a senhora diz, que fosse investigada aquela denúncia que ela estava fazendo?

Graça Foster - Nós tínhamos feito já vários... Ela não fez uma denúncia

Paulo Renato Soares - A senhora não entendeu aquele e-mail como uma denúncia?

Graça Foster - Não. Aquele e-mail não foi uma denúncia. Ela chamava a atenção e ela ainda dizia assim: 'Poxa. Tarde demais para entrar em detalhes'. Isso está no e-mail, alguma coisa parecida com isso. E eu logo que assumi a presidência, a Venina quis falar comigo e veio. E nós conversamos sobre vários desafios que eu tinha pela frente.

Paulo Renato Soares - Quando ela esteve com a senhora, ela não fez nenhuma denúncia?

Graça Foster - Nenhuma denúncia. O que nós conversamos muito era sobre custos de projetos mais altos do que os previstos. Prazo de projetos muito mais longos do que os previstos e das atitudes que eu precisava tomar para que a gente pudesse ir por um outro caminho. E essa foi a grande parte da nossa conversa. Custos e prazos.

Paulo Renato Soares - Agora, no caso da comunicação do abastecimento, houve uma comissão e houve uma punição. E ela fez essa denúncia. Não é?

Graça Foster - Ela fez essa denúncia.

Paulo Renato Soares - Se nesse caso se chegou a uma conclusão, se encontrou o problema, se houve punição, por que não se deu mais crédito ao que ela falou depois? Mesmo que ela não tenha usado palavras mais taxativas? Por que você não deu crédito à Venina quando ela falou de outros assuntos?

Graça Foster - Não é que eu não tenha dado crédito à Venina, a Venina falou de assuntos que eram da nossa agenda do dia a dia. Da nossa agenda. De que os projetos precisam ser conduzidos de forma diferenciada, monitorados, gerenciados, coordenados de forma diferenciada e isso já era dezenas de trabalhos de grupo, na busca desses processos.

Paulo Renato Soares - Ela diz que além de mandar e-mails e de lhe falar pessoalmente, ela também encaminhou para a diretoria estas denúncias, onde a senhora tinha e tem assento, obviamente. Não são avisos suficientes, presidente?

Graça Foster - Jamais nas reuniões de diretorias que eu participei, e olha que eu, para faltar a uma reunião de diretoria, é difícil, não houve denúncias em nenhuma das reuniões de diretoria da Petrobras. Diretoria da Petrobras, presidida pelo Gabrielli, presidida pela Graça, no pouco espaço de tempo que teve a Venina aqui comigo, é, porque ela ficou lá em Cingapura, então, não teve denúncias. O que a Venina diz, e eu espero muito que ela tenha todos estes documentos e deve ter, porque ela é bastante organizada, todos estes documentos, ela vai ajudar muito a Petrobras, se ela tiver todos estes documentos. Eu tenho certeza de que ela vai ajudar muito ao Ministério Público Federal, vai ajudar muito a tudo que a gente espera de positivo desta Operação Lava-Jato. Sobre esse e-mail pretendido dela de 2011, a gente conversou algumas atividades correlacionadas a este e-mail, ela poderia ter falado comigo qualquer coisa naquele momento.

Paulo Renato Soares - Ela teve oportunidade para fazer as denúncias, falar com a senhora e não o fez?

Graça Foster - Ela poderia ter feito, mas ela não fez. Não fez denúncia para a diretoria, ela não fez. Mas ela não fez denúncia para a diretoria, ela não entrou na sala, fez uma apresentação e denunciou, ela não fez isso.

Paulo Renato Soares - Por que ela não está falando a verdade?

Graça Foster - Eu não sei, ela está com cinco anos, segundo ela, de documentos nas mãos e que ela preferiu, ela deu depoimento na CIA da Rnest, na comissão interna de apuração da Rnest, ela deu depoimento na comissão interna do Comperj, ela falou tudo o que ela quis falar, ela levou para casa o relato dela, o depoimento dela, ela mandou outras informações, ela anexou outras informações, isso tudo ela fez, de fato.

Paulo Renato Soares - No caso de Cingapura, ela se disse perseguida. Disse que foi mandada para Cingapura para ficar longe da Petrobras. E disse que isso foi literal, foi como ela ouviu. Ela foi punida por denunciar?

Graça Foster - A Venina teve 2 momentos em Cingapura, um momento com Paulo Roberto que é esse momento que os dois romperam a relação profissional deles, eles

brigaram de fato, se desentenderam, ficava patente isso. Eu não sei porque. A Venina era uma pessoa que trabalhou como eu disse anos e anos com Paulo e o Paulo Roberto admirava a Venina e mostrava a Venina, os feitos da Venina e tudo mais. E aí, eles se desentenderam e a Venina foi fazer essa pós-graduação ou mestrado, na Universidade de Chicago, em Cingapura tem um campus e eles foram, foi uma decisão do Paulo Roberto e dela. Ela foi para lá.

Paulo Renato Soares - Ela disse que chegando lá foi avisada que não ia trabalhar que era para procurar o curso.

Graça Foster - Olha, eu só te falando o que eu sei. Ela não trabalhava comigo. Normalmente, quando a gente sai para fazer mestrado, doutorado, pós-graduação, que a gente sai e vai para outro país, a gente não trabalha, a gente fica estudando. Aí, tem a segunda vez da Venina em Cingapura. A Venina terminou o curso, voltou, foi trabalhar no IMC, o marketing de comercialização, com o Paulo Roberto, que era o presidente, com o Pereira, que era o chefe dela. E, depois que eu assumi, a presidência da Petrobras, passou um tempo assim, uns dois meses, a pessoa que estava em Cingapura saiu de Cingapura e a Venina pediu ao Cosenza se ela poderia voltar para Cingapura. Aí voltaria como diretora-presidente ou diretora-geral, era o cargo máximo, número 1 lá de Cingapura. Cingapura, não sei se você já teve a oportunidade de ir lá, é primeiro mundo, supermoderno, superorganizado. E foi com salário muito bom, porque ela tinha o topo.

Paulo Renato Soares - A senhora disse que a Venina era uma boa funcionária mas ela foi afastada depois dessa comissão. A senhora mudou a opinião sobre ela? Por que?

Graça Foster - Como assim? Ela é uma boa funcionária, ela foi afastada porque todos, ela foi uma boa funcionária, sim, em Singapura. Todos os dirigentes de empresas que foram apresentados pela comissão com algum nível de não conformidade, eles foram afastados.

Paulo Renato Soares - A senhora pode explicar o que é nível de não conformidade?

Graça Foster - Você tem na companhia, por exemplo, é muito importante colocar, nós não temos todas as ferramentas que o Ministério Público tem, que a Polícia Federal tem, a gente não faz escuta de telefone, a gente não tem identificação de que tivesse havido conluio, que tivesse havido má fé, que alguém tivesse recebido propina, nada disso. Mas os procedimentos da companhia, eles não foram seguidos à risca.

Paulo Renato Soares - Isso significa que ela agiu de maneira antiética?

Graça Foster - Talvez tivesse sido necessário mais prudência, tivesse sido necessário um envolvimento de mais tempo na discussão daqueles tópicos que ela estava tratando.

Paulo Renato Soares - Ela cometeu irregularidade?

Graça Foster - Eu não chamo de irregularidade. São não conformidades de procedimentos.

Paulo Renato Soares – Presidente, a Venina fez ontem um apelo a todos os empregados da Petrobras para que venham a público denunciar casos de corrupção. A senhora faria um apelo semelhante?

Graça Foster - Olha, eu tenho dito que a Petrobras não são, nós somos 85 mil empregados. Eu tenho dito isso sistematicamente. E eu coloquei, inclusive na entrevista que você deu a honra de estar, no nosso café da manhã, que é muito ruim você chegar num avião e você ver pessoas olhando para você, desconfiando de você. A família fica superpreocupada e tal. Então, o apelo que eu faço à companhia é que enfrente essa situação, que enfrente essa situação com retidão, com disciplina, com determinação e use a Ouvidoria e use a Auditoria da Petrobras.

Paulo Renato Soares - **Muito obrigado pela entrevista.**

Graça Foster - Obrigado a você.